

TEORIA BÁSICA DOS CCHs

Uma conferência dada a 5 de Julho de 1957

Obrigado. Obrigado.

OK. Hoje queria pegar, então... se vocês me pedirem... eu queria pegar nos CCHs e alguns dos seus vários aspetos.

Bem, agora, não há praticamente nada que vocês já não saibam sobre isto. A sóbria verdade da matéria é que vocês sabem tudo o que há a saber sobre isto. Caso contrário, eu não lhes poderia dizer nada em absoluto sobre isto.

E o jogo aqui tem sido tentar descobrir que postulados você fez para o meterem em todo este sarilho.

Você esteve, seguramente, ocupado!

Muito pouca gente reconhecerá a verdadeira organização da constituição da Cientologia, como inteiramente baseada no que a vida decidiu ser. Alguém vem até mim e fala-me das “minhas teorias”. Hã! É sempre alguém que não assume muito a sua propriedade.

As minhas teorias... ainda bem que eu adicionei a isto muito pouco das minhas teorias. Já lá havia bastante. Porque, se bem se lembra, eu tinha alguma experiência no campo da escrita de ficção. E se eu realmente quisesse adicionar algumas teorias sobre isto, poderíamos ficar algo caprichosos!

Sim senhor. Sim senhor. É bastante notável, entretanto, que só... essas pessoas que falam comigo das “minhas teorias”, já se sabe, elas dizem-me: “bem, Ron, as suas teorias sobre isto e aquilo...” você obtém-nas numa sessão de processamento, e elas não se movem, sabe? Elas não estão bem lá em cima no topo imediatamente certas, e assim por diante.

Bem, que coincidência há aqui? Qual a coordenação entre estas duas coisas? Bem, uma é que se um indivíduo atribuir a devida propriedade a postulados, à existência e às criações existentes, eles ficam relativamente debilitados. Eles não são fixos.

A maneira de fixar alguma coisa é muito simples. Vou dar-lhes um pequeno exemplo disto. Querem que eu lhes dê um exemplo?

Audiência: Sim. Seguramente.

Certo. Pegue naquela cortina além. Agora, obtenha a ideia de que John McCormick é inteiramente dono daquela cortina. Ele é o proprietário exclusivo. Podem olhar para ela e obter essa ideia? Hum?

Bem agora, olhe para ela e obtenha essa ideia mais completamente. Obtenha a convicção de que esse é o caso. Agora como que imagine o que está a acontecer aqui em cima, uma vez que ele a possui inteiramente.

Bem, agora aquela cortina deve parecer mais sólida ou bastante peculiar. Certo. Agora obtenha a ideia mais apropriada que aquela cortina faz simplesmente parte do universo físico. Agora, veja a sua convicção anterior, que é ser propriedade do Hotel de Shoreham.

Audiência: Mm. Mm-hm. Yeah.

Muito bem. Agora obtenha a ideia de que a possui exclusivamente. Você é a única pessoa que a possui, o proprietário exclusivo e ninguém a pode usar. Está ali mesmo.

Certo, agora responda a isto. Há alguma diferença no aspeto da cortina à medida que faz estas coisas?

Audiência: Sim. Sim.

Há alguma diferença de conceito relativo à textura ou solidez da cortina?

Audiência: Sim.

Bem, a verdade é que pode pegar num engrama que você próprio fez com as suas garras de theta, que moldou, entalhou, lhe introduziu todas as más percepções e dizer: “foi a Mãe que fez isto!” O engrama vai: clunk!

Você diz: “Bem, talvez essa não seja a resposta certa. O Pai também teve mão nisso”. Clunk!

Então nós dizemos: “realmente foi feito por este universo e estão todos contra mim”, está a ver? Então você pode dramatizar isso, está a ver?

Propriedade... a menos que a pessoa atribua a devida propriedade a energia, massas, pensamentos, postulados, etc., por outras palavras, a devida causa, ele chega ao termo errado da linha de comunicação.

A menos que ele diga, até certo ponto, a verdade, relativa ao proprietário ou criador, a menos que ele diga isto com alguma precisão, bem, ele obtém uma enorme solidez com a qual então poderá fazer muito pouco.

Atribuindo propriedade indevida às coisas, a pessoa obtém então uma continuação ou perpetuação do item ou objeto. E a razão por que o faz é chamada havingness. Este é um dos truques menores de um thetan a fim de continuar a ter alguma coisa, a qual ele não pode duplicar e logo lhe trará apuros.

Se você continuasse a culpar Henry Ford pelo seu automóvel ou pelo número de automóveis das estradas, os automóveis ficariam de facto mais mirrados para si. Logo, é melhor culpar a polícia, ou outrem, está a ver? E então os automóveis ficariam mais espessos.

Para lhe dar uma ideia disto, você diz: “este é o meu corpo. Eu tenho este corpo e sou aquele que tem este corpo, e sou eu o proprietário exclusivo deste corpo. Eu criei este corpo. Eu sou este corpo”, todos os tipos de tolices deste tipo, veja, e nunca dar à família uma folga ou à linha genética uma dica, está a ver? Um dia você está numa sessão de audição e alguém diz: “Fica três pés atrás da *tua* cabeça”. Eles já não fazem isso, mas você chega lá. É diferente.

Você está numa sessão de audição e, na hora de exteriorizar, dá uma olhada geral pelas coisas. Concreto. Pesado. Massa. Não pode sair disso. O corpo é espesso, pesado, sólido,

meramente porque você colocou em ação este seu truque favorito: para fazer sólidos basta atribuir mal a causa.

É claro, desde o princípio que o corpo não era seu. O corpo não é seu. Algumas pessoas na audiência, naquele preciso momento, disseram: “Zzzth! Fui descoberto!” Foi, não foi?

Um fator interessante aqui é que se você atribui a propriedade exata ao corpo e insiste nisso e pensa dessa maneira, dura, rápida e completamente, o corpo tem tendência para ficar bastante delgado, bastante franzino. O risco de saber a verdade poderia ser uma perda de *havingness*, a menos que a pessoa recuperasse *da* sua obsessão para ter sólidos e posses.

Se uma pessoa tem muita obsessão com sólidos, ou se ela fez a inversão, se caiu alguns pontos e já não pode ter nada, se alguém vem e lhe dá uma nota de dez dólares, ela dirá: “oh, não posso receber isso. Não posso receber isso”.

Uma fratura ali mesmo na audiência... um tipo muito fino, a quem o HASI de Londres muito deve... vou contar esta história dele. Ele saiu para jantar com um par de Cientologistas de Londres. Tinha andado muito associado e a brincar com público em geral. Pegava numa nota de cinco libras, punha-a na frente deles e dizia: “é tua”.

Logo, o público geral, as pessoas de fora, diriam imediatamente: “oh, meu deus? Para quê? Já sabes. Não é minha. Quer dizer, para que é que me estás a dar isso? Eu...”

Então saiu com dois Cientologistas da HASI de Londres para jantar, e pegou em duas notas de cinco libras e colocou-as na frente de cada um e disse: “são vossas”. Eles apanharam-nas e meteram-nas nos bolsos.

Você vê, estas pessoas tinham superado a ideia de não poderem ter dinheiro.

Bem, agora, logo acima disso você supera a ideia de ter que ter dinheiro. Mas o dinheiro é um jogo e é troca, e torna desnecessário andar com ovos nos bolsos. E, como resultado, toda a sociedade aparentemente se move e faz trocas, e os bens e *havingness* mudam de posição e lugar, e assim por diante. Há algum tipo de recompensa, é um método de aprovar, e todo o tipo de coisas. Logo as pessoas tendem a ficar penduradas nisto.

Mas elas podem chegar a um ponto onde não têm que tê-lo e ainda assim usá-lo. Há muitos Cientologistas naquela posição... que estavam na posição de “dê-lhes dez centavos. “Eh-he-he, você... Para que é que me estás a dar isso? Quer dizer, eu não posso aceitar isso!” É mesmo assim.

Estou a contar histórias da escola, mas um dia eles estavam a percorrer um dos do pessoal no dinheiro e mandaram-no desperdiçar dinheiro e desperdiçar dinheiro e desperdiçar dinheiro e fazer outras coisas a fim de melhorar a sua *havingness* e capacidade de ter dinheiro. E levaram-no ao ponto de poder ter um níquel.

Foi muito engraçado como um estado mental influenciou bens (posses) como dinheiro. Muito, muito, muito notável. Eles são tremendos... quer dizer, um indivíduo que não pode ter dinheiro parece de algum modo lançar uma mão invisível e destruir e varrer qualquer fonte de dinheiro. Livra-se mesmo dela. Apenas não deixará o dinheiro chegar nenhures perto dele.

Ninguém jamais sai de um concurso e diz: “bem, aqui estão os sessenta e quatro mil dólares por falhar a pergunta”. Começarão a fazer um concurso naquela base algum tempo

depois, está a ver? Vão ter que fazer isto porque a havingness em dinheiro está a ficar tão pobre que agora têm inflação. As pessoas não levam o material e ele continua a empilhar-se nas ruas.

Não é brincadeira. Uma sociedade poderia entrar naquela condição. Tenha a certeza de que a sua havingness em termos de dinheiro naquele momento não é tão obsessiva que continue a carregá-lo consigo em carros de mão quando não comprará nada com ele. Muitas pessoas fazem isso. De vez em quando elas...

É sempre num velho edifício, e sempre na Park Avenue em Nova Iorque, e é sempre um irmão e uma irmã, e eles passam fome de morte neste velho edifício, e então a polícia entra para remover os cadáveres, e eles escavam no rodapé, ou algo do género e descobrem que tinham \$150,000 em dinheiro vivo, e ainda assim não podiam comprar nada com ele. Bem, é uma condição muito obsessiva.

Estas várias condições variam mesmo bastante facilmente. Bom, este é simplesmente um assunto de havingness... de havingness. E as pessoas estabeleceram vias de propriedade a fim de aumentar a perenidade, o valor de sobrevivência e a continuidade do dinheiro. E se você estabelecesse bastantes vias na linha de forma que ninguém que pudesse dizer quem fez as coisas, bem, o dinheiro tenderia a perpetuar-se. E se não houver vias na linha, bom, não o faz.

A verdade com o dinheiro é... alguém passa algo numa impressora, dá isso a alguém e diz-lhe que pode gastá-lo. Quer dizer, é o que há sobre dinheiro... bastante simples.

O congresso, segundo a Constituição, era a única organização que tinha o poder de cunhar moeda. O tipo que dá pelo nome de Alexandre Hamilton, que serviu o seu país até ao momento em que já não fazia parte da artilharia na Guerra Revolucionária, chegou a ser um assistente de J. Washington, depois começou a trabalhar para os banqueiros de Nova Iorque. Acho que foi uma mudança interessante. Ele introduziu um sistema bancário bastante notável.

E o governo às vezes afasta-se dele, como nos dias de Andy Jackson e outros tempos, mas o ponto é que neste sistema do dinheiro, segundo o qual outrem tinha que ser o autor do dito dinheiro que não o governo dos EUA apesar do que a Constituição diz, foram simplesmente introduzidas várias vias para que ninguém pudesse localizar a autoria desse mesmo dinheiro. E o governo “comprou” isto. Eles acham que esta é uma ideia maravilhosa.

Por exemplo, você pode ir à Colina e interrogar os senadores, que deveriam saber disto... os da cunhagem e emissão de moeda e assim por diante. Você diz: “bem, agora, que tal imprimir três biliões de dólares e simplesmente gastá-los em obras públicas, etc.?”

“Meu deus, não se pode fazer isso” diria ele. “Isso é dinheiro impresso”. Gostaria de saber o que isso é... dinheiro impresso. A parte engraçada é... suponho que ele pensa que o dinheiro é emitido por alguma igreja lá no Médio Oeste ou alguma coisa assim, não sei. É algum poder judicial que tem alguma coisa a ver com seres mais altos do que os senadores.

A verdade é que, quando ele diz (isto é bem elevado)... quando ele diz “sim” a uma conta em sede de senado, que autoriza uma obrigação adicional pelos Estados Unidos, o que ele autoriza é alguém em Nova Iorque a escrever num livrinho negro o número que ele tem... oh, dois biliões de dólares ou algo como isso, e então eles enviam isso para Washington e Washington emite alguns títulos do tesouro, e então os títulos voltam para Nova Iorque e Nova Iorque envia-os para o Departamento do Tesouro, emite os dois biliões de dólares em

dinheiro vivo, e é a assim que é feito. E assim não há problemas. É melhor do que um espetáculo de magia tentando descobrir de onde veio o dinheiro.

De vez em quando alguma nação fica bastante parva para adotar uma ideia do banco central em que o governo é o banco, e o governo emite o dinheiro e então perguntam por que razão têm inflação. Por isso as pessoas têm muito pouca fé no dinheiro.

Tudo o que têm a fazer é pôr mais algumas vias na linha. Eles poderiam muito facilmente ter um banco central, desde que o banco central fosse totalmente administrado pelos fazendeiros nalgum outro município, está a ver? E ser administrado ali, e por assim dizer, o que permitisse criar o dinheiro. Mas eles tinham que consultar as esposas, e as esposas tinham que consultar os Druidas numa caverna. Eles apenas continuam a enterrá-lo aqui algures, já se sabe, e a fazer o mapa de localização. De súbito o dinheiro fica cada vez mais sólido, cada vez mais real para as pessoas.

Nós sabemos que para emitir um dólar basta simplesmente imprimi-lo e emití-lo. Essa é a verdade. Passá-lo através de vários terminais até chegar às mãos do público não tem absolutamente qualquer importância na situação. Mas o público pensa que sim. Eles atribuíram mal a autoria daquele dólar num grau elevadíssimo.

Por exemplo, há pessoas aqui mesmo que acreditam completamente que as notas de dólar são emitidas pela Reserva Federal. Há aqui pessoas que acreditam que as notas de dez, e vinte e assim por diante, são emitidas pelo Tesouro dos EUA. E contudo você olha para as suas notas de dez e vinte e vê lá em cima: “Nota da Reserva Federal”, emitida por um banco privado. É totalmente espantoso.

Há certificados de prata e notas de prata. O governo está a ficar cada vez mais envolvido. Eles sabem intuitivamente a resposta certa. Eles sabem que o que há a fazer é só pôr mais vias na linha, e você obtém mais realidade quanto a substância e solidez. Por outras palavras, a coisa não pode ser desmontada (unmock).

Você faz o mock-up de alguma coisa aqui e diz: “o Zé é que o fez”. Você fê-lo e diz que foi o Zé, e então essa coisa permanecerá. Por que razão é que permanece? Porque para a desmontar (unmock) é necessário conceber a sua criação, e parte da sua criação é quem a criou. Parte de toda criação é quem a criou.

E você tem que obter aquela ideia de quem criou a coisa no momento em que olha para ela, e ela simplesmente fará afft! É bastante interessante.

É por isso que vergonha, culpa e remorso são tão interessantes. Alguém está envergonhado do que fez, e você confere com ele e descobre que, usualmente, está transtornado com coisas que outrem fez. Ora, você tem nesta era moderna toda uma filosofia bastante interessante. Quer dizer, se você assumir toda a culpa, se você próprio fez tudo, se só você é totalmente responsável por tudo o que está errado em toda a parte, e se confessar e admitir isto, sentirá um grande alívio.

Bem, a parte engraçada nisso é... é você poder ter feito muitas dessas coisas, mas também mais alguém o fez. Lembre-se sempre disto quando passar as suas vergonhas, culpas e pesares. Caso contrário o banco desabarará sobre si e ficará totalmente sólido.

Porquê? Bem, você não é culpado de tudo o que aconteceu neste universo. É pessoalmente inocente. Só é culpado de uma parte... culpado de alguma coisa, mas não de tudo. E esta filosofia, então, segundo a qual você assume a culpa por tudo, é simplesmente um esforço para fazer o quê? Simplesmente um esforço para ter mais sólidos, para tornar as coisas indestrutíveis. Por outras palavras (in indestrutíveis, deveria dizer-se), fixá-las de forma que ninguém possa localizar o lugar de onde vieram, logo não há como livrar-se delas. Elas estão aí.

E a ideia de tentar pôr um objeto ali mascarando quem o timbrou, de onde veio e assim sucessivamente, é bastante prevalecente. Mas só nos mete em apuros quando temos vergonha, culpa, lamentos e dizemos: “bem, eu sou responsável, eu sou culpado”, pelo que queremos dizer: “sou culpado. Devo ser acusado. A vida é assim. Bem, olha as coisas horríveis que eu fiz” quando, de facto, quase cada um dos crimes do corpo precisou de mais alguém. Está a ver? Usualmente há dois presentes. Talvez só você e o seu corpo. Ainda assim há dois presentes.

É muito engraçado, sabe?, os corpos têm instalada maquinaria de outros tempos. É bastante interessante. Você encontrará algum preclaro na lama uma vez ou outra: “bem, olha o que eu fiz a este corpo. Olha a maquinaria e coisas horríveis que eu montei”. Então ele admira-se porque tudo corre muito mais depressa e fica muito mais sólido. Bem, algum thetan já tinha a coisa na linha genética lá atrás quando instalou um tremendo número de itens. Você não instalou tudo o que está errado no seu corpo.

Agora, pode localizar o momento em que decidiu usar isso. Você pode localizar o momento em que decidiu reativar alguma dessa maquinaria. Pode localizar o momento em que erradamente quis ter alguma coisa. Mas se tentar localizar o momento em que montou toda a maquinaria, esquemas e geringonças do corpo que iriam ou estão a dar errado, eh pá, está a olhar para um beco sem saída, porque você não fez tudo. Mas a ideia de que o fez solidificará o que lá está.

Agora, porque o faz é apenas este assunto de havingness. Havingness é como que Um jogo número 1. É um destes jogos magníficos. Aqui está um thetan que é... aquela coisa que ontem estava a olhar para o gato. Cá está ele, e há um gato e lá está ele. Bem, de facto, pelas suas próprias leis da comunicação nada pode duplicar uma qualquer coisa de mais ninguém. Você tem que estar até certo ponto disposto ser uma coisa antes de poder ver uma coisa. Um thetan pode ser o que pode ver, e ele pode ver o que pode ser.

Não se orgulhe muito de poder notar vagabundos. E não pense que é a sua consciência social que o impede olhar para lindas meninas. Às vezes sua esposa não tem nada a ver com isso em absoluto.

Eis a situação: você vê frequentemente alguma menina, alguma mulher escarnecer de algum vestido magnífico que está nalguma montra, já sabe, e diz: “Oh! Aquele trapo horrível! Tzch! É horrível. É repugnante”. Não há ali nenhuma duplicação.

Ela provavelmente está até certo ponto a defender-se contra a impossibilidade de ter um vestido assim, está a ver? Ela tem várias ramificações quanto a isto.

Bem, de vez em quando... de vez em quando ela olha para alguém e, raramente, diz: “meu deus, eu sou... não me importaria de ser aquela pessoa”. E de facto a pessoa fica mais luminosa e mais visível. Logo você tem estes dois fatores que se associam a sólidos.

Para poder ver alguma coisa exige pelo menos alguma vontade de duplicá-la, ou ser algo como ela. E então você coloca-se ali, ou seja, nada, a olhar para esta massa aqui. E você diz: “não deixo de estar disposto a ser aquela massa”. Bem, você já está pronto, está a ver? você pode vê-la claramente.

Mas de vez em quando a massa surge e atinge alguma outra massa de que você gosta e você diz: “não gosto nada daquela massa. Aquela massa é traiçoeira”.

E você pode ficar tão mal que pode ir pela rua abaixo e ver esta massa aqui que agora considera traiçoeira, sem a ver em absoluto. Por outras palavras, você poderia olhá-la diretamente e nem sequer notar que estava ali. Bastante interessante, não é?

Os objetos desaparecem muito frequentemente de uma sala de audição. Um indivíduo está a olhar à volta da sala de audição e diz: “eu poderia ter isto e eu poderia ter aquilo e eu poderia ter qualquer outra coisa na sala”, e o auditor estranha a razão porque ele nunca notou uma espingarda na parede, ou nunca notou um cesto de papéis, ou nunca notou um ornamento de secretária, ou nunca notou o seu próprio corpo, e, às vezes, nunca nota o auditor.

Bem, podemos estar absolutamente seguros de que são massas que a pessoa não pode ser.

Agora reunamos estas duas coisas. Façamos um pouco de ginástica mental aqui obtendo a ideia de atribuir mal a autoria dos sólidos. Obteremos a ideia de que outrem criou o que nós criámos. Obtenha a ideia disto, está a ver?

Agora, isso torna a coisa sólida. Então dizemos: “agora não estou disposto a perceber isso. Não quero perceber porque é traiçoeiro”. Nós dizemos isso com mais rodeios. Nós dizemos: “não estou disposto a ser aquela coisa. Não estou disposto a permitir que aquela coisa continue a viver. Não estou disposto a tolerar a existência daquela coisa na minha vizinhança”. E temos estas duas coisas combinadas.

A primeira vez que a pessoa disse: “lá está e eu quero-o sólido”, descobriu então que era perigoso e não gostou. Logo ele vai lá e diz: “não quero isto”.

Nunca está para desfazer a ginástica mental pela qual ele o solidificou... e nós obtemos um banco de engramas.

A persistência de um banco é totalmente interessante... a persistência das massas, de um tipo ou outro. Primeiro disse: “oh, estas belas imagens. Estas imagens magníficas do mundo, estes magníficos quadros de... oh, batalhas e imagens magníficas de catástrofes, e imagens adoráveis, adoráveis de pessoas sendo assassinadas”. Essas também... também são lindas, assim como as belas imagens dos templos e todo esse tipo de coisas. “Bem, todas estas imagens são mesmo magníficas. Agora, obterei a ideia...” e você põe aqui uma máquina que faz o mock-up das imagens, que lhas mostra aqui para que possa dizer: “de onde é que elas teriam vindo?”, viu? E “este corpo está a fazer imagens” ou algo do género. É uma coisa muito, muito incomum.

E então ele ganha experiência. Experiência é sinónimo de “saber melhor”. Outro sinónimo de experiência, muito mais apropriado é: “não querer ser” ou “não se querer aperceber outra vez”.

Bem, olhe. Ele tem um mecanismo que diz que isto deve ser sólido. E agora ele tem alguma experiência e diz que esse tipo de coisas é mau e que não deve ser sólido. Agora ele

está em apuros. Tão simplesmente como isto, ele está em apuros. Porquê? É que tem uma imagem mental... tem um quadro de imagem mental da quinta ou sexta esposa ali á frente com um ar patético. Ele não se pode ver livre disso! Ele diz: “pftth”.

E você vê homens pela rua abaixo, particularmente em Nova Iorque, a falar para o ar, sabe? “Pás, pás, pás, pás, gob-gob-ra-ra-arr-arr-arrarr-arr, gob-gob, pás-pás, arr-arr-arr”.

Eu tive um tipo uma vez que entrou num restaurante lá em Nova Iorque. Eu estava lá em cima, no automático, no segundo piso. Este tipo correu pelos degraus acima e pôs duas cadeiras a uma mesa, reservou dois lugares e foi buscar as sanduíches dele ou fosse o que fosse, trouxe-as numa bandeja, pô-las na mesa e tirou as duas cadeiras e disse: “senta-te ali”. Ele sentou-se, e então ficou furioso com a cadeira vazia, discutiu e bateu na mesa e grunhiu e rosnou, e... havia algumas pessoas à volta que repararam no ruído. A verdade era contudo muito simples: elas estavam habituadas a esse tipo de coisas.

Bem, este tipo estava com alguma espécie de fantasma. É uma palavra técnica, um fantasma. De vez em quando você encontra um fantasma. Alguém ali mesmo, segunda fila, olhou para mim um dia e disse: “vejam lá”. Ele disse: “nós estávamos a seguir esta coisa, e ali mesmo... esteve sempre ali, ele esteve sempre ali, era o meu primo”. Ele tem andado sempre com o primo.

Bem, quase não há ninguém que não tenha um fantasma de um tipo ou outro, e não há certamente ninguém que não tenha algum tipo de imagem persistente para a qual prefere não olhar porque não pode ser essa coisa, que... por isso deve ser invisível para ele, está a ver a ideia?... que é totalmente sólida. E isto é quase tudo aquilo que fica errado com a mente.

Quando você diz que uma experiência específica é má, deixe-me assegurar-lhe que qualquer experiência, de acordo com um thetan, é melhor do que nenhuma experiência. Não há provavelmente coisa tal como uma experiência imoral, exceto por outra consideração segundo a qual alguma coisa era imoral. Você tem que fazer outra consideração, está a ver?

Não é que essa coisa da imoralidade não exista. Oh, sim, essa coisa da imoralidade existe. As pessoas consideraram certas coisas imorais, e elas decidiram que era a forma de abordagem, e que estas coisas devem ser proibidas, e toda a gente obtém imagens sólidas disso... elas tornam-se isso.

Chegámos agora a esta segunda fase. Há uma coisa que um thetan pode fazer com algo que não quer ver. Ele pode usar isso. É uma solução, não é? Huh? Agora, aqui está algo engraçado: se você pegasse numa roupa horrível e a pusesse na sala de estar de forma que cada vez que lá entrasse, ou entrasse ou saísse, visse esta roupa, você diria: “eh pá, tenho que fazer depressa um saco de trapos desta coisa”. Mas você não se permitiria fazê-lo, está a ver? Está lá simplesmente. Aquela roupa existe. Cada vez que dava por si a pô-la de lado, você voltava a pô-la lá. A seguir, diz: “bem, a roupa não é má”, e veste-a. Pelo menos não tem que olhar para ela quando a está a usar!

Eu vi pessoas a fazerem isto com roupas. Mas elas certamente fazem isto... isto responde por algumas das modas que saem em Princeton. Eu vi pessoas fazerem isto com objetos físicos. Mas assim como o fazem com objetos físicos também o fazem com objetos mentais. Por outras palavras, qualquer coisa que uma pessoa faz com um objeto físico, também o fará

com um objeto mental e vice-versa, porque são só objetos. Não são um tipo especial de objeto, eles são simplesmente objetos.

A única razão por que outras pessoas não veem os seus fac-símiles é que não são assim tão pesados. Eles não refletem a luz tão bem. Refletem luz para si porque é você que derrama a luz sobre eles.

De vez em quando você encontra um auditor que pode ver os fac-símiles dos outros. De vez em quando ele realmente pode ver os fac-símiles dos outros. Não está a ver nada que ele próprio imagine.

É muito fácil entrar na cabeça de alguém e dar uma olhada em imagens mentais presas. Bastante simples. Você, ou um auditor, pode ver frequentemente coisas, ou sentir coisas, ou perceber coisas, ou obter um sentimento de coisas que a própria pessoa não sentirá, notará, experimentará ou verá. Porquê?

Porque ela atravessou esta confusão que lhe acabei de mostrar. Ela tem aqui uma máquina que imagina algo além, que tira algumas fotos aqui, e ela obtém alguma coisa sólida. Está a ver? Então ela está aqui e diz: “eh pá, eu não quero ser isso. Isso é mau. Isso é mau”. E ela diz: “sai daqui! Desanda. Desfaz-te. Desaparece”.

Agora ela diz: “OK. Pelo menos não tenho que olhar para isso”.

Bom, devido ao facto de não estar a olhar para isso, nós obtemos esta coisa estranha de um auditor poder fazer mais por um Pc do que o Pc por si próprio, desde que não tenham ambos as mesmas aberrações.

Está a ver como isto funciona? Nós melhoramos estas manifestações presas na mente.

Certo. Nós dizemos: “bem, é o que está errado com isso. Agora façamos alguma coisa”. Veja, isso é agora muito fácil. “Oh, façamos alguma coisa por isto”, e assim por diante.

Dianética... a única coisa que não está no Livro Um da Dianética é havingness. Haverá alguma referência minúscula a isso, mas não está lá. E é um assunto terrivelmente importante, o do desejo de um thetan possuir massa. Qualquer massa é melhor do que nenhuma massa. Ele apenas quer massa. Ele quer havingness. Ele quer a posse. Está totalmente maravilhado.

Agora, o que acontece aqui? O auditor vai e, com força e coação, desgasta esta coisa que este tipo lá tinha, está a ver? Você pensaria que o thetan se teria sentido melhor, mas ele não se sente tão bem assim. Porque o outro fator surgiu: havingness reduzida.

Apesar de isso ter sido mau, ele não o quis ver, ele não o pôde observar, ele não o pôde experimentar, ele realmente não o pôde possuir de uma maneira ou de outra, e não obstante, a sua ausência afeta-o profundamente.

Isto é bastante esquisito. Polícia, trabalhadores sociais, etc., são sempre atingidos por este fenómeno. Eu penso que é Oliver Twist, não é?, em que Bill Sikes tinha um cão ao qual ele andava aos pontapés por todo o lado, e assim por diante? E eu estou seguro de que o cão ficou muito transtornado quando Bill Sikes foi para Tyburn, ou para onde quer que fosse. Está a ver? Estava sempre a levar pontapés, mas ele ainda tinha ali alguma coisa.

Então... alguém está sempre a tentar resolver este problema de separar marido e mulher, porque são tão infelizes juntos, e então eles vão... spang! Lá estão eles juntos outra vez, está a

ver? Você diz: “bem, ele bate-lhe, e ela chateia-o. E entre os dois... eles vão arruinar as suas vidas”. Logo você diz: “bem, obviamente a solução é esta”. Logo, nós tratamos de tudo e eles fazem aquilo, e, não só são muito infelizes como fazem outra vez mesmo. Está a ver?

Isso é meramente havingness... a única explicação. A falta de massa, perda de massa e assim por diante, é bastante fundamental. A fim de afastar uma esposa de um marido você teria que lhe dar em retorno pelo menos uma imitação das roupas. E o que é que se vê? Também ele é capaz de ficar satisfeito com isso.

Isto é um dos enigmas. Mas realmente não é um enigma. É simplesmente uma consideração de que havingness é valiosa e que a pessoa deveria ter havingness, e assim por diante.

De facto, à medida que corremos processos apontados para remediar a havingness, a pessoa supera a ideia de ter que ter tudo à mão sem critério. Ela supera ideias tais como a cobiça, e também supera ideias como “não poder ter”. Ela supera a ideia de que não pode ter nada, e supera a ideia de que tem que ter tudo.

Bastante interessante. Ela pode sair disto. A menos que ela saia desta chave de havingness... não é mau, compreende, é só alguma coisa que ela tem que ultrapassar se tiver que mudar muito a atenção. E assim que sai desta chave de havingness, ela pode fazer toda a espécie de coisas. Ela pode exteriorizar, ela pode tolerar espaço, ela pode fazer várias coisas que antes não podia fazer.

A anatomia de uma armadilha é, é claro, uma incapacidade para a ter, mas tem que a ter. Uma armadilha é melhor que nenhuma armadilha, se uma pessoa tiver que ter massa. Este é o grande mistério. Você interroga-se por que razão os criminosos, que sempre estiveram na prisão, saem, cometem mais crimes e voltam para lá. A polícia prefere ser muito confusa sobre isto.

Bem, não há, em absoluto, nada de confuso sobre isto. Eles mudaram a havingness para tão perto, habituaram-no tanto... já se sabe, pequenas massas, pequenos espaços, espaço bastante pequeno como uma cela, e assim por diante. Eles tiram o sujeito para fora, e até certo ponto ele sente-se infeliz com isso e rouba alguma coisa. Ele já está a tentar remediar a havingness dele numa base criminosa. Realmente não pode ter nada, logo ele tem que roubar tudo. E às vezes fará isto só para voltar para a prisão.

E ele sai e deixa pistas para que Dick Crazy e o FBI e outros o possam prender, trazê-lo de volta e dar-lhe esse tanto de havingness outra vez.

Por outras palavras, é difícil manter thetans fora de armadilhas, a menos que eles tenham uma noção de posse bastante sã. E a sua noção de posse, havingness, o que eles podem perceber, o que eles deveriam ter de sólido... a menos que estas coisas sejam bastante corretas, bem, o tipo está a conduzir uma existência muito confusa. Não sabe nada do que é a existência. Ele não tem uma pista.

Bem, nós olhámos para os problemas de massa, os problemas de propriedade, os problemas de percepção e achámos estas coisas muito intimamente conectadas.

E o ponto de entrada é bastante interessante. O ponto de entrada de havingness (e isto fica aparentemente acima dos picos e longe do que eu acabei de dizer) é controle.

Agora, vamos descer para o fator básico do que faz as coisas más. São más as coisas que exercem uma influência que a pessoa não quer. Apanhou isto? Isso é uma coisa má. Uma coisa má exerce uma influência que uma pessoa não quer.

Isso é, poderia dizer-se, tentar controlar a pessoa. E quando isto lhe acontece demais, quando muitas coisas a tentam influenciar sem o seu consentimento, então ela entra num estado em que se turva. Ela diz: “nada me deve influenciar”.

Bem, porque controle é uma proposição de dois-sentidos, unha com carne, é: “eu não tenho que influenciar nada”. Também obtemos este fenómeno quando ele diz: “este objeto aqui não tem que influenciar nada”, então ele move-se para aqui e torna-se o objeto... ele também herda a ideia de que não deve influenciar nada. Controle. Controle. É uma sorte que seja o ponto de entrada. Dantes tínhamos a comunicação como ponto de entrada. Agora comunicação não vai tão longe como controle, porque comunicação teria que ser tão significativa como controle para ter alguma realidade numa pessoa inconsciente. Por outras palavras, para comunicar com uma pessoa inconsciente é necessária a significância adicional do controle, e também uma linha de comunicação, e também alguma massa.

Comunicação é por si só muito simples. Alguém está ali inconsciente, nós entramos, nós dizemos: “como estás, Margarida?”

Ela acorda e diz: “ah, não estou mal”.

Veja, se a comunicação funcionasse poderíamos atravessar muito facilmente a segurança de um hospital e simplesmente abrir as portas e dizer: “como é que vocês estão?” a propósito, não funciona. A comunicação é uma coisa bem individual. Nós teríamos que dizer: “Como é que estás?” e “Como é que estás?” e “Como é que estás?” e “Como é que estás?” e “Como é que estás?” e “Como é que estás?” E teoricamente todos acordam e melhoram, e seria tudo.

Mas você tem que ter a significância adicional de controle antes de eles prestarem alguma atenção à comunicação. Nós agora temos processos que fazem isto. Controle, uma linha de comunicação sólida, comunicação, tudo junto, alcançará, evidentemente, quase qualquer nível de inconsciência.

Agora, qual é a vantagem? Porque é que um auditor se deveria preocupar com pessoas inconscientes? Os Cientologistas acordam bastante facilmente. Eles já estão geralmente des-pertos antes de terem algo a ver com Cientologia. É bastante notável que muito poucos deles tenham alguma realidade em absoluto quanto ao estado geral do Homo Sapiens. É bastante notável.

A maioria deles sempre se considerou um pouco excêntrica. Isso é quase um denominador comum dos Cientologistas. Até entrarem em Cientologia consideram-se levemente excêntricos. Eles não eram muito... olhavam para as coisas e viam que não estavam bem bastante. E os outros tipos olhavam para eles e diziam: “bom, não há nada de errado com aquilo”.

A pessoa que algum dia se tornaria Cientóloga diria para si própria: “bem, deve haver alguma coisa errada comigo”.

Bem, havia uma coisa errada. Ela estava acordada.

Qualquer pessoa que tenha feito uma carreira bastante aventureira teve, mais cedo ou mais tarde em momentos de tensão, uma ocorrência em que, em sono profundo, agiu e se comportou como se estivesse bem acordada, então despertou de repente encontrando-se em ação. Está a ver? Quase qualquer pessoa por aí teve algum tipo de experiência destas. Está a ver?

Poderia ser algo tão inocente como estar toda a noite numa festa, ter que se levantar de manhã e dar o pequeno almoço a toda a gente, e por isso você sabe disso. Você adormece e sabe disso. A seguir, encontra-se diante de um fogão a fazer café! E você diz, “Eh! Como é que eu cheguei aqui? Não me lembro de sair da cama!” E contudo, obviamente, num lapso de tempo, estava a executar ações. Viram? Num lapso de tempo.

Você deve ter-se levantado, vestido, acendido o fogão, posto o café na cafeteira, para acordar de súbito consigo diante de um fogão com o café na cafeteira. Você fez isto. Uma coisa destas...

Não deixe que isto lhe aconteça a si quando está a guiar um carro.

Ah, uma vez numa expedição estive aproximadamente três dias numa tempestade (quatro dias), e lembro-me distintamente de ir lá abaixo... regressei outra vez à coberta (do navio)! Eu tinha agido evidentemente certo, porque acordei no meio da frase de outrem. Alguém estava a falar comigo e eu acordei no meio da frase.

“Que diabo estou aqui a fazer? Fui lá abaixo há um par de horas atrás. Lembro-me disso distintamente!”

Bem, se você tem alguma realidade subjetiva em absoluto de tal experiência, deixe-me convidá-lo a aplicar aquela experiência a uma grande percentagem do seu semelhante humano. Ele ainda não acordou. Anda por aí, atravessando todas as ações mecânicas próprias. Ele passa pela vida, ele vai à escola, ele estuda os seus livros, ele levanta-se, ele vai trabalhar, ele ta-ta-ta.

E você verá isto de vez em quando, quando estiver a auditar alguém. Ele dirá de súbito: “clonk! O que é que eu estou a fazer aqui? Quem sou eu?” Você despertou-o.

O que é que foi preciso para o despertar? Bem, processamento... processos. Por isso, para poder processar o género humano, individual ou coletivamente como um todo, tem que ter a pista e a chave de como processaria uma pessoa inconsciente, porque é principalmente o que tem. Você pensa: “porque é que as pessoas toleram este tipo de coisas?” Elas não estão a tolerar nada. Elas estão simplesmente, sabe?

E lá atrás, nos velhos tempos, quando você pensava em si próprio como um excêntrico e assim sucessivamente, reaplique só esta coisa: você estava ali, e era o único presente que estava acordado. E então pensava que alguma coisa estava errada consigo? Sim, havia alguma coisa errada consigo. Você estava acordado.

Agora, havingness. Havingness tem muito a ver com isto. Quando uma pessoa perde muita coisa muito de repente, pensa que não pode ver em absoluto, pensa que não pode experimentar e assume, ela própria, este estado a que nós chamamos de inconsciência. E isso é uma coisa pessoalmente assumida.

De facto, não há coisa tal como um banco pleno de inconsciência. Quando a tensão fica muito grande, o indivíduo diz: “não posso ter aquela coisa que eu mal-assumi e ficou sólida. Estou quase a vê-la, e a minha única defesa é não ver nada”. Logo ela vai clonk!, inconsciente.

Um thetan liga isto nele próprio. Estou seguro de que há por aí meninas que você poderia presentear com um Rolls Royce dourado ou algo assim, e elas apenas vão Long! ficam frias. É possível. É apenas muita havingness muito rapidamente.

Bom, e esta outra manifestação é que, assim que um pedaço não desejado de havingness aparece, assim que alguma coisa aparece no banco que realmente não deveriam ver, eles próprios fecham a atenção. E a isso nós chamamos analítico atenuado, ou anaten, ou dope-off ou boil-off, ou outros termos técnicos.

Agora, aqui... eis este fenómeno. Nós temos havingness contra inconsciência. A havingness é imaginada (mock-up) em vias e desassumida, e muitas vezes já não é percebida porque a pessoa está inconsciente para aquele objeto. Ela não tem realmente um mecanismo automático que a torne inconsciente. Começa a saber de repente que é mau olhar para ali e simplesmente... fluuuuh.

Só pessoas razoáveis vão dormir na escuridão porque a escuridão é perigosa. Então elas entram numa inversão disto. Entram numa inversão disto e dizem: “é tão perigoso que é melhor continuar a rondar a coisa”. E dormem todo o dia.

Elas têm várias ideias estranhas... ideias estranhas sobre quão alerta e despertas elas devem estar, mas o remédio para qualquer coisa que você não quer (e lembre-se que é melhor ter alguma coisa do que nada), o remédio para isso é ficar inconsciente.

E este mecanismo está bem sob o controle de um thetan. Ele é demonstrado pelo facto de que numa sessão de audição, quando alguém fica inconsciente, a melhor coisa a fazer é despertá-lo, como no Livro Um.

De facto, há um método de fazer isso. Você acusa-lhes a receção até que eles acordem. É um reconhecimento, por si só, se bastante bom, despertará qualquer pessoa. É muito engraçado quando você os vê acordar. Às vezes acordam e então desejam por Deus que não o tivessem feito, e então vão dormir, e eles são mesmo... Muito divertido.

Um thetan quer, e tem que, ter, e realmente fica basicamente infeliz a menos que tenha, e usa contra isto a defesa da inconsciência uma vez que se encontra tendo em qualquer altura. Confuso, não é?

Um indivíduo cria alguma coisa e perpetua isso para além do seu controle, porque ele diz: “eu tenho que ter isto, e eu quero que continue para sempre”. Então ele diz: “Esta coisa é má, e eu não devo perceber isto, e eu não posso mesmo ser isso”, e assim por diante. Por isso, ele apenas fecha a mente, fecha os olhos para isso. Ele disse: “Isto já cá não está”, enquanto que está na frente dele.

Até que possa tolerar havingness por si próprio, não se pode esperar que ninguém acorde. Logo, na realidade, a pista para a consciência, a pista para a inconsciência e as maneiras de solucionar isso, está totalmente no campo da havingness. E a havingness é passada para a pessoa com a significância de controle e comunicação.

E se você conseguir controle e comunicação entre a pessoa e a havingness, está feito. A pessoa acorda. Ela acha que há alguma coisa para olhar... ela acha que poderia olhar e descobre, por isso, que lhe é possível estar acordada, embora viva.

Este é evidentemente o mecanismo básico da havingness, a competição básica na qual encontramos um thetan envolvido. E a correlação entre havingness e consciência é simplesmente que uma pessoa fica inconsciente se acreditar não poder ter. E assim nós invertemos a coisa e mostramos-lhe que ela pode ter, e por isso fica disposta a ficar consciente.

Nós não solucionamos a inconsciência ou o estado sonolento em que o gênero humano se encontra correndo simplesmente inconsciência, porque este mecanismo realmente nunca está senão sob o seu controle.

Logo nós encontramos o ponto de entrada para um caso, e isso é havingness, e descobrimos como passar isso à pessoa através de controle e comunicação, por isso CCH. E este é o mecanismo e teoria básicos dos CCHs.

Obrigado.